



Curso Discursiva com 10 temas inéditos de atualidades

Tema 1 – Guerra comercial entre EUA e China

Prof. Sérgio Varella e Danúzio Neto

Coordenador de Discursivas e Recursos

Sumário

SUMÁRIO	2
O CURSO	3
IMPORTÂNCIA DA CORREÇÃO INDIVIDUALIZADA	5
ESTRUTURA E TEMAS	7
O PROFESSOR SÉRGIO VARELLA	8
O PROFESSOR DANÚZIO NETO	10
QUESTÃO INÉDITA	11
PROPOSTA DE SOLUÇÃO	12
GUERRA COMERCIAL ESTADOS UNIDOS E CHINA	13
<i>Acordo em 2019</i>	16
<i>Por que a Guerra Comercial entre China e Estados Unidos preocupa</i>	16
<i>Efeitos no Brasil da Guerra Comercial entre Estados Unidos e China</i>	17
<i>Relação China x Estados Unidos e a Pandemia</i>	17
CHINA	19
<i>O ritmo de crescimento chinês</i>	20
<i>Por que a China está crescendo abaixo de 10%</i>	21
<i>A Nova Rota da Seda</i>	22

O curso

Olá, querido aluno!!

Vamos começar o nosso curso de discursiva para concursos públicos. É uma honra tê-lo como aluno para essa matéria tão importante e crucial para sua aprovação. Tenho certeza de que com afinho e dedicação você conseguirá a tão sonhada aprovação. De quebra, com uma ótima nota na prova discursiva, que chega, em alguns concursos, a ter peso igual à prova objetiva.

O curso possui **10 temas inéditos de atualidades**. Para cada tema, apresentarei uma proposta de **questão também inédita**. Além disso, serão apresentadas **respostas para cada questão**.

O curso pretende unir, em um único lugar, teoria sobre os principais temas de atualidade e prática da prova discursiva. Para cada tema será elaborado uma questão e uma proposta de resolução.

A sugestão é que vocês façam a sua discursiva e somente depois leiam o conteúdo da aula e o padrão de respostas. O curso não conta com correções individualizadas (aquela em que aluno manda a sua resposta para ser corrigida de acordo com os critérios da banca), mas caso queiram entre em contato com a equipe de vendas ou comigo no instagram (@profsergiovarella).

A forma e o conteúdo são muito importantes numa prova subjetiva. Assim, é imprescindível que o aluno tenha consciência da estrutura do texto para que o conteúdo não seja prejudicado pela falta de adaptação das ideias presentes na sua cabeça ao transpor o conteúdo ao plano textual.

Ahh, mas eu tenho muitas dúvidas!!!

Dúvidas são comuns ao longo da nossa trajetória de estudos. Tê-las não é um problema, todavia guardá-las com vocês até a prova é um erro que você não pode cometer. Se possui dúvidas, procure saná-las. A hora é agora. Não deixe para a prova, pois lá você não terá como perguntar ao professor.

Devo fazer uma introdução ou devo responder diretamente as perguntas? Devo copiar toda a pergunta para depois respondê-la ou posso ir direto à resposta? Devo trazer informações que não foram pedidas, mas que estão relacionadas ao assunto? Devo escrever todas as linhas ou deixo algumas em branco?

Professor, qual a grande dica para uma boa redação?

O primeiro passo é saber que a correção de sua prova será feita por uma pessoa de carne e osso como você. Ela pode estar cansada, ter brigado com a família, seu time de futebol ter perdido uma partida, estar com problemas financeiros. Tudo isso com certeza influenciará a correção. Então, dica número 1 – **Facilite a vida do avaliador**.

Dica

Facilite a vida do avaliador.

Elabore um texto limpo e sem muitas rasuras. Busque a ordem direta na hora de abordar um assunto. Responda na ordem que os quesitos foram apresentados na pergunta. Não divague sobre os assuntos, vá direto ao ponto solicitado, seja objetivo e conciso em sua resposta.

Qualquer dúvida é só me procurar.



profsergiovarella@gmail.com



[@profsergiovarella](https://www.instagram.com/profsergiovarella)



**#SIGA NAS
REDES SOCIAIS**

 @danuzioneto

 Danuzio Neto

 Link para o Grupo de Atualidades no Telegram:
t.me/profdanuzioneto

Importância da correção individualizada

Pessoal, quero chamar atenção a uma característica inerente a nós, seres humanos. Nossa razão (ou seria a emoção?) sempre tenta nos defender. Acho que faz parte da evolução humana. Todavia, para o mundo dos concursos isso pode ser um problema. Todo erro que você comete em casa é relativizado. Prontamente você apresentará uma desculpa.

- Ahh, só errei porque não prestei atenção, mas na hora da prova isso não vai ocorrer.
- O cachorro me atrapalhou. Na prova não teremos cachorros na sala. Esse erro não vai acontecer.
- A campainha tocou...
- Meu filho entrou no quarto...
- Meu namorado ligou e eu estava morrendo de saudades.

A grande questão é que na prova você tem outros fatores que vão te atrapalhar. O cachorro será o nervosismo. A falta de atenção será a pressa, com tempo limitado. A campainha, o vizinho abrindo um pacote de salgadinhos. O filho, o fiscal que vai te abordar para assinar a lista. E assim, por diante.

Diante desse cenário, é importantíssimo que você tenha uma terceira pessoa corrigindo as suas questões discursivas. Pode ser um familiar que tenha facilidade com escrita de textos, um amigo que estuda para concursos, um colega de faculdade, etc.

Mesmos que eles não sejam especialistas em concursos, já terão uma visão mais isenta da sua resposta e menos condescendente do que você avaliando a si mesmo.

Uma outra possibilidade é a contratação do curso com correção individualizada de um especialista em concursos. A grande vantagem é que agora além da visão externa, você terá uma correção utilizando os mesmos critérios que a banca de seu concurso usará e ainda contará com sugestões de como melhorar o seu texto.

Aqui no Direção contamos com diversos cursos com correção individualizada. Entre em contato com nosso pessoal de apoio e eles te orientarão na aquisição. Ou me procurem diretamente nas redes sociais e terei prazer de ajudá-los.

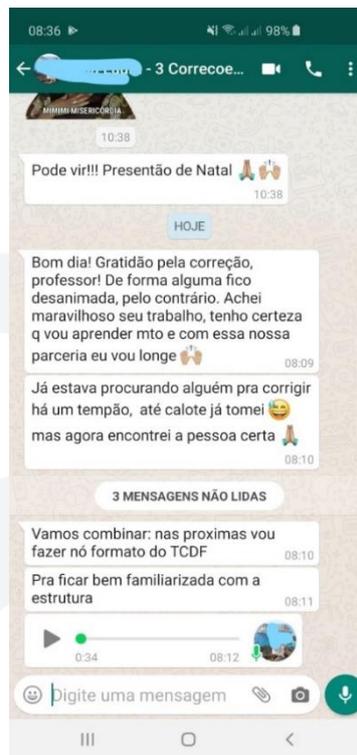
Cada aluno terá direito a um número específico de correções individualizadas e poderá escolher entre os temas propostos na aula. Ele deverá desenvolver uma discursiva a partir de proposta única relacionada ao seu edital, que podem ser temas gerais de atualidades ou temas específicos de determinada matéria. Você deverá simular a resolução da prova como se estivesse no dia do concurso e utilizar as técnicas que serão passadas ao longo do curso.

Os temas serão postados na área do curso e você poderá escolher a ordem que irá responder. Assim, pode começar pelo tema que tem mais facilidade para começar a praticar, caso prefira.

Sugiro que toda semana você faça pelo menos uma das propostas. Isso faz com que você vá recebendo o feedback do professor e ajustando a técnica para próxima discursiva. Se você fizer todas de uma vez e me enviar, não terá como ir aprimorando a técnica com a ajuda de um especialista.

E o melhor, não se preocupe se comprou o curso muito perto da prova. As correções têm validade de um ano a contar da contratação ou até 15 dias antes da realização da prova (o que for maior). Além disso, cada questão que você enviar será respondida e enviada corrigida para você em **até 7 dias úteis**.

Veja o depoimento de um aluno sobre o curso com correção individualizada.



Estrutura e Temas

Para aqueles alunos mais ansiosos, seguem os temas que serão abordados. Petróleo e energias renováveis

- ✓ Tensão entre Estados Unidos e China
- ✓ Pandemia e as novas relações de trabalho
- ✓ Nuvens de gafanhotos na África
- ✓ Crise financeira mundial como decorrência da pandemia
- ✓ Evolução tecnológica e novas formas de consumo
- ✓ As democracias correm risco de morte?
- ✓ O combate à corrupção nos dias de hoje no Brasil
- ✓ China e a Nova Rota da Seda
- ✓ Efeitos colaterais da quarentena na Saúde

Serão 4 aulas. Esta primeira com informações sobre o curso e já com o primeiro tema. As seguintes conterão 3 temas em cada aula, com a respectiva teoria, proposta de questão e solução.

O professor Sérgio Varella

Antes de darmos andamento a nossa aula introdutória, vou fazer um breve resumo de minha história. Comecei tarde no ramo dos concursos públicos, apenas com 30 anos. Em fevereiro de 2013, fechei duas empresas das quais era sócio e iniciei a minha trajetória nessa área.

Tarde?? No curso de formação para Auditor de Finanças e Controle do Tesouro Nacional tinha um senhor de 63 anos que estava fazendo o seu primeiro concurso. Então, o tarde é relativo. Independentemente da sua idade, se decidiu estudar para concursos, essa é a sua hora certa. Se dedique que a aprovação virá.

Consegui aprovação no meu primeiro concurso como Analista de Finanças de Controle da Secretaria do Tesouro Nacional, com 3 meses de preparação, cargo para qual fui chamado e tomei posse em 2016. A posição não foi tão boa, mas foi o bastante para ser chamado na última convocação para o certame.



Como dizem você não precisa ser a pessoa mais rápida do mundo para fugir do leão, você apenas precisa correr mais que o seu vizinho. Você não precisa ser o primeiro lugar de um concurso, apenas precisa estar numa posição que seja convocado.

Ainda em 2013, consegui minhas primeiras aprovações dentro das vagas (Analista de Administração Pública do Ministério Público da União - MPU - **4º Colocado**) - e Analista de Administrativo do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - **1º Colocado**).

Nesse concurso para Analista do MPU a discursiva me ajudou bastante, consegui a nota máxima, sofrendo apenas uma pequena perda de pontuação de erro de português. Como veremos, o peso do português é, normalmente, bem pequeno nas provas discursivas. Em algumas sequer existe penalização direta relacionada a esse quesito.

Depois dessas conquistas, e com um método de estudo aprimorado, busquei concursos "maiores", como Consultor da Câmara dos Deputados e Auditor Substituto de Conselheiro de Tribunais de Contas, obtendo êxito, nos dois concursos, graças a metodologia de estudos aplicada, sendo o **1º Colocado** para Auditor Substituto de Conselheiro do Tribunal de Contas do Amazonas e **16º Colocado** para Consultor da Câmara dos Deputados.

Atualmente atuo como Analista de Administração Pública do Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF) na área de Planejamento Estratégico e Modernização Administrativa.

Abaixo um resumo das principais aprovações:

- ✓ Aprovado em **primeiro lugar** para Auditor Substituto de Conselheiro do Tribunal de Contas do Amazonas – 2015;
- ✓ Aprovado em **sexto lugar** para Auditor Substituto de Conselheiro do Tribunal do Contas dos Municípios de Goiás – 2017;

- ✓ Aprovado na posição 97 para Auditor de Controle Externo do **Tribunal de Contas da União** – 2015;
- ✓ Aprovado na posição 16 para **Consultor da Câmara dos Deputados** na especialidade Administração Pública – 2014;
- ✓ Aprovado na posição 149 para Auditor Fiscal do Estado de Pernambuco – 2014;
- ✓ Aprovado na posição 12 para Analista Administrativo do **Tribunal de Contas do Distrito Federal** – 2014;
- ✓ Aprovado na posição **sexto** para Auditor de Controle Interno do Distrito Federal – 2014;
- ✓ Aprovado na posição 309 para o cargo de **Analista de Finanças e Controles da Secretaria do Tesouro Nacional** – 2013.
- ✓ Aprovado na posição **sexto** para Analista de nível gerencial do Ministério de Comunicações – 2013.
- ✓ Aprovado na posição 62 para Técnico Administrativo da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte – 2013.
- ✓ Aprovado em **primeiro lugar** para Analista Administrativo do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – 2013.
- ✓ Aprovado na **posição 4** para Analista de Gestão Pública do Ministério Público da União – 2013.

Destaco dois resultados das provas acima listadas, no tocante às provas discursivas, que sempre me ajudaram bastante na composição da nota final do concurso. E que muito em breve será o seu diferencial, se você seguir as técnicas apresentadas nesse curso.

No concurso para Analista de Administração Pública do Ministério Público da União (MPU) - Banca CEBRASPE (CESPE) - obtive a nota **máxima no conteúdo da prova discursiva**. Já no concurso para Auditor Substituto de Conselheiro do Tribunal de Contas do Amazonas (Banca FCC), obtive **a maior nota na discursiva com 5 pontos de diferença para segunda maior nota**.



Na área acadêmica possuo mestrado em Engenharia de Produção (Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN), pós-graduação em Direito Constitucional, Direito Administrativo, Gestão Pública e Gestão Empresarial (FGV). Além disso, 3 graduações: Engenharia de Computação (UFRN), Comércio Exterior (IFRN) e Direito.

Além da experiência adquirida realizando concursos, nos últimos 6 anos, venho orientando alunos na elaboração de suas discursivas, na realização de recursos e realizando *coaching* para elaboração de suas estratégias de estudo. Graças a essa experiência, pude observar os principais erros e as melhores estratégias para gabaritar as provas discursivas de qualquer banca.

Vamos ao que interessa...

O professor Danúzio Neto

Olá, prezado aluno!

Meu nome é Danuzio Neto, sou Auditor Fiscal da Secretaria Estadual de São Paulo, formado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão e concursado de longa data.

Antes de exercer minhas atividades na área fiscal, eu já tive também cargos no Tribunal Regional do Trabalho da 16ª Região e no Banco do Brasil. Em tempos ainda mais remotos, fui aprovado e nomeado no Ministério Público Estadual do Maranhão, onde não cheguei a tomar posse. Como professor de preparatórios, já são alguns anos de estrada dedicados ao ofício de fornecer o melhor material possível para os milhares de alunos que tive em diversos cursos.

Fazendo as contas, portanto, já são mais de dez anos de experiência com provas e com o serviço público, o que me permite passar com segurança um pouco dessa bagagem para você. Tomei posse como escriturário do Banco do Brasil aos 21, como Técnico Judiciário do TRT aos 23, passei no concurso para auditor aos 27 e logo depois passei a lecionar, descobrindo uma paixão que até então incógnita para mim, apesar de eu ser formado numa Licenciatura, Letras.

Além da experiência com concursos, ser formado em Letras é também um grande aliado para a nossa matéria, pois, como amante da leitura, procuro sempre ler um bom livro de política, de economia, de geografia e de história para atualizar os conhecimentos que nos são exigidos.

Assim, espero que a nossa caminhada até a aprovação seja tranquila, apesar da consciência de que precisaremos empreender muito esforço e dedicar muitas horas para alcançarmos o nosso objetivo: a aprovação!

Para isso, teremos um material com a teoria aprofundada na medida certa para uma excelente prova, além de grandes baterias de exercícios que nos ajudarão a fixar o assunto cobrado no edital.

QUESTÃO INÉDITA

Investimentos chineses despencam

Embora o investimento dos EUA na China tenha permanecido relativamente estável durante a guerra comercial, o investimento chinês nos EUA caiu significativamente.

De acordo com o think tank Enterprise Institute, de Washington, o investimento chinês caiu de um recorde de US\$ 54 bilhões em 2016 para apenas US\$ 9,7 bilhões em 2018. No primeiro semestre de 2019, apenas US\$ 2,5 bilhões foram investidos nos EUA por empresas chinesas.

As empresas chinesas evitaram investir nos EUA, citando preocupações com a tensão comercial, bem como uma triagem mais rigorosa do investimento nos EUA e um controle de capital mais rígido na China.

Preocupação com o clima de negócios

Embora o investimento ainda exista, as empresas americanas que operam na China dizem que a tensão comercial entre os dois países é uma das principais preocupações.

De acordo com o Conselho Empresarial EUA-China, em 2019, 81% das empresas americanas com operações na China disseram que a guerra comercial teve impactos negativos em seus negócios, o que representa um aumento de 8% em relação a 2018.

Já em 2017, apenas 45% das empresas americanas manifestavam preocupação com esses riscos.

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51119805>

Considerando que os textos anteriormente apresentados têm carácter unicamente motivador, redija um texto dissertativo abordando os seguintes aspectos acerca da guerra comercial entre Estados Unidos e China.

- 1 Consequência para economia Mundial. [valor: 3,50 pontos]
- 2 Impactos para economia brasileira. [valor: 3,00]
- 3 Saídas para evitar o conflito e diminuir seus impactos. [valor: 3,50 pontos]

Proposta de Solução

Caro aluno, sugiro que **só leia a proposta de solução após fazer a sua discursiva**. Não adianta enganar você mesmo. Praticar é o grande segredo de uma boa discursiva.

China e Estados Unidos (EUA) são as grandes potências econômicas mundiais e juntas representam quase 50% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. A guerra comercial entre essas duas superpotências provoca sérios impactos na economia mundial e, conseqüentemente, no Brasil. Nesse sentido, medidas devem ser adotadas para evitar os impactos desse conflito.

Inicialmente, destaca-se que uma guerra comercial entre essas nações afetará as suas economias e conseqüentemente a economia global, causando desemprego e fechamento de empresas. Dessa forma, medidas como aumento das tarifas de importação entre esses países provocarão uma reorganização nas parcerias comerciais, remodelando a participação de empresas e o comércio com outros países, como, por exemplo, o aumento da participação das indústrias automobilísticas do Japão no mercado global.

Por sua vez, com relação aos impactos para economia brasileira, num primeiro momento, o Brasil pode se beneficiar, pois, com a imposição de tarifas, fica mais caro para a China comprar produtos dos EUA, e para os americanos comprarem produtos chineses. Dessa forma, os dois países precisam procurar outros fornecedores para evitar o encarecimento das importações. Segundo a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o setor brasileiro mais beneficiado com a disputa comercial foi o agronegócio principalmente nos seguintes produtos: soja, amêndoas, maçãs, laranjas e carnes. Por outro lado, a China pode tentar vender para o Brasil os produtos manufaturados que não conseguiu vender para os EUA, o que poderia impactar negativamente em nossa indústria.

Por fim, deve-se buscar acordos comerciais que evitem o conflito e diminuam seus impactos negativos, como a suspensão do aumento de tarifas de produtos comprados pelos EUA da China, bem como o compromisso de a China aumentar a compra de determinados produtos americanos, como seus produtos agrícolas. Além disso, pode-se buscar novos mercados para escoamento dos produtos Chineses, bem como novos fornecedores para o mercado americano, favorecendo economias de países emergentes.

GUERRA COMERCIAL ESTADOS UNIDOS E CHINA

Em 2017, Estados Unidos e China iniciaram uma guerra comercial, com declarações atravessadas de Donald Trump e do presidente chinês, Xi Jinping. Após os ataques verbais, deu-se início ao mecanismo das sanções aduaneiras partindo de ambos os países, quando Washington, a partir de março de 2018, elevou as tarifas (de 10% para 25%) sobre uma série de importações chinesas – com a consequente reação de Pequim, que também aumentou tarifas aduaneiras sobre produtos norte-americanos.

Para Donald Trump, os produtos chineses **ameaçam a economia norte-americana de maneira desleal**, motivo pelo qual a cobrança de tarifas seria uma atitude necessária para o seu país.

A China, em retaliação nessa guerra, **desvalorizou fortemente a sua moeda**, o iuan, e **foi acusada de manipulação cambial**. Essas medidas se somam às barreiras comerciais que os chineses levantaram contra os produtos norte-americanos.

Assim, temos que **as tensões entre EUA e China têm raízes no desequilíbrio da balança comercial a favor dos chineses, que exporta US\$ 419 bilhões a mais do que importa**, devido a injustas práticas comerciais do gigante asiático – segundo Trump. O presidente norte-americano também acusa Pequim de práticas comerciais desleais, como transferências tecnológicas forçadas de firmas americanas e favorecimento de empresas chinesas com subsídios elevados.

No final de agosto de 2018, aproximadamente US\$ 100 bilhões de produtos chineses (aço, alumínio, químicos, têxteis, eletrônicos) foram sobretaxados ao entrar nos Estados Unidos, medida logo seguida por um aumento das tarifas chinesas sobre US\$ 50 bilhões de produtos norte-americanos (soja, carne suína, automóveis).

No final de agosto de 2018, uma delegação liderada pelo vice-ministro chinês do Comércio, Wang Shouwen, viajou para Washington, sem conseguir alcançar resultados efetivos. Wang, inclusive, foi chamado de “valentão comercial” por autoridades dos Estados Unidos.

Até o segundo semestre de 2019, essa guerra seguiu em escalada. Após rodadas de negociações fracassadas, em maio deste ano, os Estados Unidos subiram de 10% para 25% a tarifa de importação sobre cerca de mil produtos chineses, entre os quais cereais, químicos, combustíveis e materiais de construção. O impacto da medida é estimado em US\$ 200 bilhões em mercadorias comercializadas entre os dois países. A China, por seu lado, retaliou e impôs o mesmo percentual sobre produtos agrícolas e maquinário americano.

O atual momento lembra a agressividade dos Estados Unidos, na década de 1980, pela administração Reagan contra o Japão, então segunda maior economia do mundo. Com tarifas alfandegárias que chegavam até a 100% sobre televisores e aparelhos de videocassete, os Estados Unidos conseguiram conter o país, a ponto de levá-lo a uma depressão da qual ele ainda não se recuperou completamente. Situação esta que, pelo menos em relação às consequências, parece diferente da que pode ser enfrentada pela China.

Em agosto de 2018, com a lei de defesa nacional aprovada pelo Congresso norte-americano, que faz da China e da luta para frear sua influência a grande prioridade dos Estados Unidos, percebe-se que o país norte-americano quer a integração de múltiplos elementos, especialmente diplomáticos, econômicos, militares e de inteligência, para lidar com a questão chinesa. Ou seja, **a esfera do conflito é muito maior que apenas comercial – ainda que os Estados Unidos ainda sejam superiores aos chineses em praticamente todos os campos que realmente importam** (tecnológico, econômico, diplomático e militar).

Atualmente há, inclusive, uma nova corrida espacial: China e Estados Unidos disputam para ver quem será o primeiro país a levar um astronauta à lua no século XXI.

Para alguns analistas, essa guerra sem uso de armas de fogo que está sendo travada entre as duas principais potências militares da atualidade já se configura como uma nova Guerra Fria – o embate sem armas que foi travado entre EUA e a URSS no pós-Guerra, quando os blocos capitalista (EUA) e comunista (URSS), em meio a uma corrida armamentista, disputavam zonas de influência ao redor do mundo.

A nova Guerra Fria desta vez – ainda mais que a primeira – seria tecnológica, como podemos observar no artigo a seguir.

Como fica fácil perceber, a disputa entre os dois países atualmente não é apenas comercial, mas em todos os segmentos: de semicondutores a submarinos, chegando até à exploração espacial/lunar.

Guerra travada por EUA e China não é só comercial: ela é tecnológica

Por Ivo Chermont
7 de agosto de 2019

Já está claro que a Guerra comercial travada por Trump há mais de dois anos não tem nada de puramente comercial. O objetivo não pode ser apenas reduzir o déficit de US\$ 200 bilhões a US\$ 300 bilhões entre os dois países.

Os objetivos são maiores e têm relação com a importância que a China vem obtendo ano a ano no mercado de inteligência artificial, robótica e todo aquele cenário Blade Runner que volta e meia a gente se depara em vídeos institucionais ou relatos de viajantes para a China ou Vale do Silício. E é por isso que a Huawei está no centro da disputa. Voltaremos a isso um pouco abaixo.

Na semana passada, Trump anunciou que pretende elevar para 10% as tarifas nos últimos US\$ 300 bilhões que os Estados Unidos importam em bens chineses. No final de semana, a moeda chinesa ultrapassou a marca de CNHUSD 7, algo quase sem precedente e sinalizou para muitos uma intenção por parte do governo chinês de elevar o tom da guerra ao usar desvalorizações cambiais.

Os riscos subiram muito nos últimos dias. As estocadas de lado a lado são mais consequência de uma situação de paralisia nas negociações do que a causa. O que está realmente acontecendo é que os dois lados da moeda parecem acreditar que tem muita alavancagem sobre o outro e, tão importante quanto isso, tem espaço de manobra econômica para não negociar, se dando ao luxo de tentar esticar a corda até que o outro lado pisque e ceda.

A desvantagem do lado americano é o tempo. Trump tem uma eleição para enfrentar em 2020. Então, sua habilidade tem que ser extrema para a corda não arrebentar e acabar gerando uma recessão e um recuo das bolsas que torne sua reeleição improvável. Ainda parece estarmos longe dessa situação. O Fed pode cortar os juros, o espaço fiscal ainda pode ser usado e há uma explícita intenção em usá-los, como na concessão de subsídios para o importante setor agrícola americano.

No lado chinês, as restrições políticas temporais são menores, mas não são pequenas. Na China, a história conta. E fazer ilimitadas concessões aos americanos coloca Xi Jinping em uma posição difícil tendo em vista a grande resistência que os chineses tem de se colocar vulneráveis a forças globais. A vantagem chinesa é a maior desregulação institucional do país, que dá ao governo espaço importante de ação fiscal, creditícia, monetária e, por que não, cambial.

Em resumo, nenhum dos dois lados vê vantagens políticas ou necessidades econômicas para seguir uma negociação agora que seja visto como muito vantajosa para o rival.

E no meio disso, está o setor de tecnologia. E aí o emaranhado e as interdependências dos países são maiores ainda.

Por um lado, a China possui a maior e principal empresa de 5G, a Huawei. As duas únicas competidoras mundiais seriam as nórdicas Nokia e Ericsson. Caso os EUA tomem medidas extremas a ponto de asfixiar a empresa, estima-se que o impacto que teria sobre os preços da tecnologia 5G seria gigantesco. Portanto, os EUA possuem uma certa dependência da Huawei.

Por outro lado, para a China desenvolver tecnologia, faz-se necessário um setor de semicondutores, cujo maior ofertante global, de longe, é os EUA. Portanto, a China tem duas alternativas, ser um ótimo cliente dos semicondutores americanos ou demorar alguns anos para talvez desenvolver o próprio. Até lá, a China terá ficado para trás.

E o labirinto continua. Para o setor tecnológico americano, há um insumo necessário chamado de "terras raras". Cerca de 80% da produção dessas terras raras vem da China.

É isso mesmo. Há uma situação de quase monopólio e quase monopólio [estrutura de mercado caracterizada por haver um único comprador para o produto de vários vendedores] de um lado a outro que torna quase inviável imaginar que os dois países vão romper de vez. Há muita coisa em jogo. E tampouco há um interesse que isso aconteça.

Portanto, se o entrelaçado tecnológico dos países torna o divórcio impossível na prática, e as restrições político-econômicas torna o casamento improvável no curto prazo, a solução de curto prazo que parece se apresentar como mais provável é que fiquemos nesse meio do caminho por um longo período, em pequenos ciclos de estresse e alívio.

No entanto, acreditamos também que esses pequenos momentos de ataque de um ao outro vão criando feridas difíceis de cicatrizar. E na nossa avaliação, os americanos têm mais armas fatais.

Os chineses possuem esse monopólio de produção das terras raras, mas não são os únicos que possuem esse insumo. Austrália e a Califórnia também a possuem, mas não a produzem por ser muito poluente.

A China possui uma grande quantidade de títulos do tesouro americano. Podem vender a mercado e machucar a economia deles? Parece provável que existe um burocrata genial na China que consiga administrar US\$ 3 trilhões em treasury sem afetar o próprio valor das reservas chinesas? Pequenos sustos e estocadas vindas daí pode até ser possível, mas desconfiamos que isso não é possível como estratégia estrutural. Além do mais, eles venderiam as reservas e alocariam aonde? Em títulos negativos de países desenvolvidos? A moeda segue a mesma ideia. Eles poderiam fazer uma desvalorização mais acentuada da sua moeda.

Mas, lembremos que os chineses estão há muitos anos tentando tornar o renminbi uma moeda global, utilizada no comércio intra-asiático. Não me parece que desvalorizar de maneira aguda sua moeda vá ao encontro a esse objetivo maior e de longo prazo. E os chineses poderiam fechar seus mercados, tornar-se hostis a grandes empresas americanas. Se há aliado importante da China dentro dos EUA são as grandes empresas, que inibem Trump de traçar medidas mais radicais. Então, criar um ambiente ruim com Google, Amazon, Facebook, entre outros, não me parece também uma boa estratégia.

Elencando assim, fica fácil perceber que a China não possui tantas armas quanto sugerem sua força econômica. Seu líder, Xi Jinping, por isso mesmo, terá que administrar a pressão interna e externa e tentar ganhar terreno à medida que a economia americana mostrar alguma fraqueza.

Do lado americano, como falei, a maior restrição é a eleição e a dificuldade que Trump teria no caso de uma recessão ou um grande ajuste no mercado de ações. Suas armas são fortes nos ataques para a China.

Além do quase monopólio no mercado de semicondutores, que citei anteriormente, Trump tem feito uso das tarifas para tentar atingir a China e, o que seria extremo, mas possível, aumentar a lista de restrição de

exportações. Esse tipo de mecanismo cria um obstáculo para que empresas chinesas adquiram insumos de empresas americanas, o que no limite pode asfixiar-las e torná-las inoperantes, como já ocorreu com uma empresa chamada Fujian Jinhua.

Em resumo, estamos presos nessa armadilha e será difícil desarmar a bomba em um curto espaço de tempo. Que tenhamos armas para nos proteger das nuvens negras que se desenham no horizonte.

Fonte: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/ivo-chermont/guerra-travada-por-eua-e-china-nao-e-so-comercial-ela-e-tecnologica/>

**Ivo Chermont é sócio e economista-chefe da Quantitas Asset*

Acordo em 2019

Em outubro de 2019, os Estados Unidos e China chegaram ao 1º acordo parcial, que foi classificado pelo presidente americano, Donald Trump, como significativo.

O acordo parcial, que é o maior passo já dado para a resolução da guerra comercial que existe entre as duas maiores economias do mundo, abrange questões sobre agricultura, moeda e proteção da propriedade intelectual.

Devido à magnitude dos países envolvidos, o aprofundamento da tensão neste conflito tem o potencial de atingir mercados financeiros e desacelerar o crescimento global.

O acordo parcial fez com que os Estados Unidos suspendessem o aumento de 25% para 30% das tarifas sobre US\$ 250 bilhões em produtos da China, que deveriam entrar em vigor em outubro de 2019. A China, por outro lado, se comprometeu a adquirir de US\$ 40 bilhões a US\$ 50 bilhões em produtos agrícolas americanos.

Novos acordos foram prometidos, pelos líderes dos dois países, para 2020.

Por que a Guerra Comercial entre China e Estados Unidos preocupa

Por serem as maiores potências econômicas mundiais, se China e Estados Unidos sofrerem consequências negativas da guerra comercial, teme-se que outros países, e consequentemente a economia global, possam ser impactados negativamente, já que uma reação em cadeia teria o poder de prejudicar o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) global.

Em julho de 2019, o Fundo Monetário Internacional (FMI) apontou que o crescimento mundial segue em ritmo moderado diante da piora das relações entre China e Estados Unidos. Segundo relatório do FMI, no primeiro trimestre de 2019, as tensões comerciais contribuíram para uma desaceleração acentuada das economias emergentes da Ásia, atualmente um elo importante das cadeias de fornecimento de tecnologia global.

Por causa dessas tensões geopolíticas, o Fundo reduziu sua estimativa de crescimento mundial para 3,2% em 2019 e 3,5% em 2020 (0,1 ponto percentual a menos que no relatório anterior).

Como é fácil supor, notícias sobre a guerra comercial costumam influenciar o mercado financeiro. Quando o cenário piora com novas ameaças e quebras de acordo, por exemplo, a tendência é que investidores busquem alternativas mais seguras para seu dinheiro, fazendo com que os índices das bolsas em todo o mundo recuem.

Efeitos no Brasil da Guerra Comercial entre Estados Unidos e China

Apesar de o prolongamento da crise preocupar pelo seu poder de provocar uma desaceleração do comércio mundial, no curto prazo alguns países podem se beneficiar desta disputa. É o caso do Brasil.

Em 2018, primeiro ano da guerra comercial, as exportações brasileiras para a China cresceram 35% na comparação com 2017, gerando uma balança comercial positiva para o Brasil em US\$ 30 bilhões. Com a imposição de tarifas, fica mais caro para a China comprar produtos dos EUA, e para os americanos comprarem produtos chineses. Os dois países precisam, então, procurar outros fornecedores para evitar o encarecimento das importações.

Segundo uma pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI), por enquanto o setor brasileiro mais beneficiado com a disputa comercial foi o agronegócio. Também houve aumento no comércio brasileiro com os EUA, mas ainda não está claro, segundo a CNI, se a guerra comercial teve influência.

Produtos agrícolas americanos foram os mais afetados pela alta nas tarifas impostas pela China, principalmente soja, amêndoas, maçãs, laranjas e carnes. Para substituir essas commodities que ficaram mais caras, o gigante asiático se voltou para outros fornecedores de carnes, frutas e grãos.

O Brasil como terceiro maior exportador agrícola- atrás apenas de Estados Unidos e União Europeia- é um substituto natural.

Uma pesquisa feita pela CNI comparou produtos americanos taxados pela China e pelos EUA com o comércio desses bens pelo Brasil. O resultado mostra que alguns setores produtivos brasileiros aumentaram suas vendas em decorrência da guerra comercial.

A produção de soja foi a maior beneficiada pelo comércio recorde entre Brasil e China em 2018, vendendo US\$ 7 bilhões a mais para os chineses de um ano para outro. Outros setores que cresceram foram o de carne bovina (US\$ 557 milhões a mais), algodão (US\$ 358 milhões) e carne suína (US\$ 202 milhões).

Outro setor da economia brasileira que poderia se beneficiar da guerra comercial, num primeiro momento, é o de manufaturados. Mas, neste caso, a disputa entre EUA e China é uma guerra de dois gumes.

Por um lado, o Brasil pode aproveitar a oportunidade para tentar ampliar as vendas de bens industrializados para os EUA, como máquinas e autopeças, aproveitando que esses mesmos produtos fabricados na China ficaram mais caros.

Por outro, a China pode tentar empurrar para o Brasil os produtos que não conseguiu vender para os EUA. Se fizer isso, a produção brasileira de manufaturados pode sofrer com a competição provocada pela inundação de produtos chineses.

Por enquanto, houve um aumento das exportações brasileiras de manufaturados para os EUA de US\$ 1,2 bilhão em 2018 na comparação com 2017, mas focado no setor de combustíveis. Ou seja, a indústria brasileira, por enquanto, ainda não conseguiu ocupar o vácuo deixado pelos bens chineses sobretaxados.

Relação China x Estados Unidos e a Pandemia

A pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus, aumentou a tensão que EUA e China alimentavam desde que Trump se tornou presidente, em 2017.

Foi a partir deste momento que a Casa Branca declarou uma guerra comercial ao governo asiático, que foi acusado de desvalorizar a própria moeda, impondo aos americanos um déficit que superou os 400 bilhões de dólares na balança comercial com a China.

Trump resolveu sobretaxar os produtos chineses e a China, em resposta, passou a sobretaxar importações dos Estados Unidos. Entre essas idas e vindas, a relação se deteriorou.

A pandemia talvez fosse uma “esperança” para que surgisse um clima de cooperação entre as duas superpotências. O efeito, porém, foi o contrário.

Quando a pandemia chegou aos EUA, Trump passou a criticar a China pela existência do vírus, chamando-o inclusive de “vírus chinês”.

Inicialmente, Donald Trump minimizou a força do coronavírus. Com a popularidade em baixa após a pandemia avançar pelo país, Trump passou a tratar a China como bode expiatório – o risco de não conseguir se reeleger em 2020 passou a ser real.

Segundo aliados do presidente norte-americano, o novo coronavírus foi criado em um laboratório chinês, o que colocaria o governo comunista da China como responsável pela catástrofe econômica mundial.

18 secretários de Justiça de Estados governados por republicanos, o partido do presidente, chegaram a enviar uma carta ao Congresso dos EUA pedindo uma investigação sobre o papel da China na origem da pandemia.

O governo chinês, por outro lado, afirma que as acusações de Trump são uma tentativa de desviar a atenção da incompetência do presidente e, conseqüentemente, de melhorar as chances de reeleição.

O atual nível de tensão interrompe 40 anos de relativa cooperação entre os dois países. Até então, as diferenças ideológicas tinham sido deixadas de lado em favor de uma relação simbiótica que tinha rendido bons frutos, principalmente econômicos, para os dois lados.

Com um forte e sólido desenvolvimento econômico nas últimas décadas, porém, a China se tornou mais ambiciosa e passou a ocupar um novo espaço no tabuleiro geopolítico global, com investimentos na África, Oriente Médio e na América Latina.

A China, portanto, avança o seu campo de influência sobre domínios “esquecidos” pelos norte-americanos – e estes, atentos para a iminente perda de espaço, tentam detê-la.

CHINA

Em 2010, **a China ultrapassou o Japão e se tornou a segunda maior economia do mundo**, ficando atrás apenas dos Estados Unidos. Pelo critério do fluxo comercial, no entanto, que considera a soma das importações e exportações de um país, a China ultrapassou até mesmo os Estados Unidos e, desde 2012, tornou-se a maior potência comercial global se considerarmos este quesito – a supremacia chinesa no fluxo comercial global é confirmada pelos números oficiais também dos Estados Unidos.

Apesar de toda a ascendência chinesa sobre a economia mundial, é bom lembrar que seu prestígio não se restringe apenas a esta área. Ele se estende também, dentre outras, às esferas política e militar. É bom ainda termos em mente os fatores que contribuem para o sucesso do alto ritmo de crescimento deste país: o seu elevado número de habitantes (1,3 bilhão de pessoas, a maior população da terra), o seu território extenso (é o terceiro país em tamanho territorial, atrás apenas da Rússia e Canadá) e o dinamismo de sua economia.

Além disso, a China possui arsenal nuclear e, ao lado de Rússia, Estados Unidos, França e Reino Unido, possui um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, o que lhe garante enorme poder na diplomacia mundial.

Se formos fazer um contexto histórico ainda mais amplo, vamos perceber que nos últimos quarenta séculos, a China foi a líder global em aproximadamente trinta e seis deles, numa época bem anterior à globalização moderna que conhecemos. Eles estarem em segundo lugar, portanto, é que é a grande novidade do nosso tempo – e não o contrário.

A seguir, apresento quadro com as maiores economias mundiais em 2018. Além do lugar de destaque da China, vale a pena também observar a posição do Brasil, que apesar lenta recuperação econômica pela qual passa, ainda é a nona maior economia do mundo.

These are the world's biggest economies

Based on data from the International Monetary Fund, 2018

Country	Value (in trillions)
1 United States	20.4
2 China	14
3 Japan	5.1
4 Germany	4.2
5 United Kingdom	2.94
6 France	2.93
7 India	2.85
8 Italy	2.18
9 Brazil	2.14
10 Canada	1.8

Source: IMF

O ritmo de crescimento chinês

Em 2016, quando comparada com o resto do mundo, a China manteve sua alta taxa de crescimento econômico das últimas décadas. O índice, porém, de 6,7%, que seria um sonho para a realidade brasileira, foi o menor daquele país em 26 anos. Ainda assim, o resultado ficou dentro da faixa de crescimento esperada pelo próprio governo, que era de 6,5% a 7%. O investimento em ativo fixo também teve um baixo crescimento econômico ano passado – em termos chineses –, foi de apenas 8,1%, ritmo mais baixo desde 1999.

Apenas para fins de demonstração da desaceleração econômica, o gráfico abaixo mostra o crescimento chinês nos últimos anos. Note que, em 2016, apenas no último quadrimestre houve um crescimento maior – em todos os outros meses a taxa de crescimento foi relativamente baixa (em termos chineses, lembre bem deste detalhe).



Fonte: <https://pt.tradingeconomics.com/china/gdp-growth-annual>

Em 2017, o crescimento da China ganhou força pela primeira vez em sete anos, ao contrário do que esperavam analistas e autoridades locais, que acreditavam nos esforços de Pequim para reduzir o endividamento de empresas, desaquecer o mercado imobiliário e conter a poluição, fatores que desacelerariam a economia do país. O PIB do país cresceu 6,9% em 2017.

Ao contrário do que acredita o senso comum, o notável crescimento de sua economia nos últimos anos fez a China conseguir enriquecer a sua população. Nas últimas três décadas, a China tirou mais de 700 milhões de habitantes da pobreza. De 2013 a 2017, foram mais de 68 milhões de chineses que deixaram de ser pobres, sendo que a meta do governo chinês é de erradicar a pobreza até 2020.

Diante deste cenário de enriquecimento do país asiático, pesquisa da "Euromonitor International", divulgada no começo de 2017, demonstra que a média dos salários da indústria chinesa já ultrapassou o total do que é pago para os trabalhadores de países latino-americanos como Brasil, México e Argentina. Ademais, o salário chinês já está próximo do que ganham os trabalhadores de alguns países europeus – como Portugal e Grécia. De acordo com as informações da "Euromonitor International", o único país da América Latina que os chineses ainda não ultrapassaram no quesito salarial foi o Chile. Ponto importante desse estudo, também, é que ficou demonstrado que os bons resultados chineses fizeram melhorar o padrão de vida de toda a população daquele país. No período que vai de 2005 até 2016, os salários na indústria chinesa aumentaram três vezes, indo para US\$ 3,60 a hora trabalhada. Enquanto isso, no Brasil, por exemplo, o valor recebido pelo trabalhador industrial caiu no mesmo período, passando de US\$ 2,90 para US\$ 2,70.

Por que a China está crescendo abaixo de 10%

Na década passada (2001-2010), a expansão da economia chinesa alcançava – e ultrapassava – a casa dos 10%. Este crescimento era baseado, basicamente, na importação de matérias primas de países como o Brasil, transformando-as a um custo baixo – graças à mão de obra abundante – e exportando os produtos transformados – industrializados – para o resto do mundo. O resultado deste processo foi o "enriquecimento" da população chinesa no longo prazo. Agora, enriquecida, a China volta-se para o seu gigantesco mercado interno e vê nos seus trabalhadores um poderoso mercado consumidor. Mas isto não se deve apenas a uma vontade chinesa de diminuir as exportações para o resto do mundo em detrimento do mercado interno.

Com o baixo crescimento dos países desenvolvidos – e de alguns em desenvolvimento, como o Brasil –, que são os grandes consumidores da indústria da China, este país viu o volume de suas exportações decrescer. Vendendo menos para fora de suas fronteiras, a China não tem mais motivos para focar no aumento ininterrupto na produção de produtos voltados para a exportação. Consequentemente, restou-lhe a opção de se planejar para reduzir, gradativamente e ao longo dos próximos anos, a dependência desse nicho de mercado (de exportação).

Simplificadamente, este é o cenário que faz com que o país esteja atualmente nessa “baixa” taxa de crescimento (que ainda é superior a 6% ao ano).

De qualquer forma, o crescimento gigantesco da China nas últimas décadas fez com que o seu PIB, por exemplo, que era menor que o brasileiro até meados da década de 1990, superasse em muito o nosso atualmente, como pode ser observado no gráfico a seguir.



Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/parlamento-chines-altera-constituicao-e-xi-jinping-pode-ficar-na-presidencia-por-tempo-ilimitado.ghtml>

A Nova Rota da Seda

A Iniciativa Cinturão e Rota (BRI, na sigla em inglês para Belt and Road Initiative), apelidada de a nova **ROTA DA SEDA CHINESA**, é o ambicioso plano de Pequim de interligar diversas partes do globo por meio de milhares de **obras de infraestrutura e investimentos de bilhões de dólares**.

Em 2019, este plano completou seis anos com muitos sucessos, mas também com alguns problemas.

O plano chinês nasceu em 2013 com uma finalidade bastante clara: melhorar a conectividade entre países numa escala transcontinental, facilitando o comércio e investimentos e promovendo o crescimento econômico mundial. Para tanto, foram definidas cinco áreas de cooperação:

- **Políticas públicas;**

- **Finanças;**
- **Cultura;**
- **Comércio; e**
- **Infraestrutura** (a área que mais recebe mais atenção).

Com a construção de uma rede de portos, estradas, ferrovias, gasodutos e outros projetos, o objetivo inicial do projeto era ligar, por mar e por terra, a China com a Ásia, África e Europa. Estimativas conservadoras previam que seriam gastos US\$ 1 trilhão na década seguinte, o que fez com muitos analistas apelidassem a iniciativa de “Plano Marshall chinês”. Para quem não lembra, o Plano Marshall se desenvolveu após a Segunda Guerra Mundial, pelos Estados Unidos, a fim de expandir o seu círculo de influência ao reconstruir vários países da Europa afetados pela Guerra.

A Nova Rota da Seda também possui objetivos econômicos internos. Como já sabemos, após décadas de crescimento do PIB na casa dos dois dígitos, a China passou a crescer menos e apresentava capacidade ociosa em setores como o da construção civil. Investir no exterior não só facilitaria seu acesso a fontes de energia, alimentos, minérios e mercados para exportação, mas também internacionalizaria suas empresas e diversificaria seus mais de US\$ 3 trilhões em reservas cambiais, dos quais quase um terço está investido em títulos da dívida norte-americana, de baixa rentabilidade.

De 2013 para cá, a BRI cresceu em volume de recursos, países participantes e importância dentro do projeto diplomático chinês, a ponto de ser incluída na constituição do país, em fins de 2017. Tornou-se também uma marca para definir diversas iniciativas chinesas nos mais diversos campos, como cooperação espacial, cibernética e polar.

Se inicialmente a BRI pretendia interligar a China com a Ásia, a África e a Europa, agora parece que a Nova Rota da Seda está em toda parte, expandindo-se para a América Latina e Oceania – restando apenas à América do Norte o papel de terreno certo em que a influência dos Estados Unidos é incontestável. A BRI alcançou até o G7, grupo das sete maiores economias do mundo, com a adesão da Itália.

Até o momento, 137 países e 29 organizações internacionais integram o projeto, dentro do qual já assinaram 173 acordos de cooperação com a China. Nos cálculos do Banco Mundial, a BRI engloba hoje mais de 30% do PIB global, cerca de 60% da população do planeta e 75% das reservas energéticas conhecidas. Segundo previsões da consultoria RWR, sediada em Washington, até o final de 2018, Pequim investiu 700 bilhões de yuanes (quase US\$ 104 bilhões) na forma de investimentos em infraestrutura e empréstimos para governos.

O motivo de tanto crescimento é que a BRI se encaixa bem nas demandas dos países em desenvolvimento, sobretudo dos de renda média e baixa, que são a maioria dos países participantes. O Banco Asiático de Desenvolvimento estima que somente a Ásia precise de US\$ 26 trilhões de investimentos em infraestrutura até 2030, cerca de US\$ 1,8 trilhão por ano, para manter o crescimento econômico, reduzir a pobreza e mitigar impactos climáticos.

Além disso, ao oferecer financiamentos com menos burocracia, a China passou a preencher uma lacuna deixada por doadores tradicionais. Nos últimos anos, organismos multilaterais ocidentais de crédito direcionaram os seus recursos para outras áreas, como educação e saúde, e passaram a exigir uma gama de requisitos de transparência e governança, impactos socioambientais e sustentabilidade financeira, cuja complexidade acabou por afastar países mais pobres. Não é sem motivo que, da lista da ONU de 47 países menos desenvolvidos do mundo, 34 fazem parte da BRI.